

O tutor e a hospitalidade: abordagem preliminar

Maria Euma SOARES¹
Luiz Octávio de Lima CAMARGO²

Resumo: A educação ganha destaque ao longo da história; surgem novos protagonistas e novos formatos com a promessa de aprimorar o ensino aprendizagem. Esta pesquisa tem o objetivo de investigar a produção científica em hospitalidade relacionada à figura do “tutor na educação” desde a Antiguidade aos dias atuais. Será investigado o papel deste profissional, sua dimensão para a educação no século XXI; como este pode atuar, se sua atividade conflita, complementa ou se sobressai à do professor tradicional, além da relevância da hospitalidade na questão do aprendizado do aluno e sua importância para o cenário de uma educação inovadora. Com esta pesquisa, busca-se resposta para as questões relacionadas à figura do tutor na educação contemporânea e a cena hospitaleira, versando pela história Antiga, visando desvendar a situação e magnitude do seu trabalho para a aprendizagem do aluno, principalmente no cenário da educação a distância.

Palavras-chave: Hospitalidade; Tutor; Professor; Educação a distância; Aprendizagem.

Introdução

É elementar afirmar que a relação aluno-tutor na EAD preenche todos os requisitos de uma cena hospitaleira: o tutor mantém uma relação interpessoal com o aluno, tanto virtual como presencial, é quem deve manter acesa a chama do interesse do aluno no programa, controla o ritual desenvolvido e participa das trocas que acontecem.

Neste artigo, buscar-se-á mostrar que, tal como acontece hoje na EAD, o tutor sempre teve uma posição estratégica na cena hospitaleira da educação. Sempre teve a função de trazer para o universo do aluno as diretrizes das autoridades familiar, religiosa e política. Cabia-lhe não propriamente o ensino dito, mas ensinar a aprender.

Para tanto, além de trazer alguns nomes da teoria da hospitalidade para discussão, buscar-se-á mostrar que o tutor é e sempre foi a figura estratégica da cena, aquele que dá voz ao conjunto de anfitriões envolvidos (conteudista, professor, pessoal administrativo). Buscar-se-á mostrar também que o tutor ao longo da história sempre teve a prerrogativa de, de alguma forma, sintetizar e sistematizar o conjunto de atores envolvidos na figura do

¹ Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0751548621234178> - e-mail: euma.soares@yahoo.com.br.

² Livre Docente pela Universidade de São Paulo, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Sorbonne Paris V, professor titular da Titular da Universidade Anhembi Morumbi e colaborador do Mestrado em Turismo da Universidade de São Paulo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0258622788919319> E-mail: octacam@uol.com.br.

anfitrião. Embora hóspede nas casas onde atuava, ele, de alguma forma, assumia a representação dos pais, da autoridade religiosa, da autoridade política e dos estudiosos que lhe forneciam as pistas para a educação do aluno.

Neste artigo serão desenvolvidas duas linhas de discussão: uma primeira diz respeito às diferentes abordagens da Hospitalidade e entender as características da mesma, conforme Camargo (2004 e 2015), Cambi (1999), Derrida (1999), Godbout, J.; Caillé (1999), Gonzalez (2005), Lashley e Morrison (2006), Montandon (2011), entre outros renomados autores. Uma segunda é o destaque da figura do tutor ao longo da história da educação.

Material e métodos

Este artigo explora o referencial teórico de dissertação de mestrado em andamento, que tem como objetivo analisar a hospitalidade nas relações entre tutores e alunos na EAD. Para tanto, desenvolverá as seguintes atividades empíricas:

- a) Estabelecimento de categorias de análise da hospitalidade nas relações tutor-aluno em EAD
- b) Tais categorias nortearão o roteiro de entrevistas não-estruturadas com 8 tutores de diferentes cursos de EAD
- c) As entrevistas serão submetidas à técnica de análise de conteúdo e permitirão a análise posterior dos resultados.

A hospitalidade

Antes de se estabelecer significados quanto ao termo hospitalidade, Camargo (2014) aponta que:

(...) Mais do que um achado teórico, pode-se dizer que toda hospitalidade é uma dádiva, um sacrifício de algo em benefício do outro, do estranho, do estrangeiro. Inversamente, a dádiva quase sempre ocorre dentro de uma cena hospitaleira, como o ilustram citações e situações deste seu clássico ensaio. A noção da dádiva introduz novas leis para a hospitalidade e que, também, são, categorias de análise do desempenho dos atores na cena hospitaleira: desinteresse, reciprocidade, assimetria e competição. (Camargo, 2014).

Como os conceitos de hospitalidade e EAD interagem? Tem-se, de um lado, o aluno ávido por aprendizado, mas ao mesmo tempo com certo receio de adentrar neste desconhecido ambiente e nova forma de aprender e, de outro lado, um professor e um tutor com responsabilidades diversas para com o acolhimento deste aluno, sendo que o tutor é aquele com maior contato com este aluno. Portanto, com grande responsabilidade pelo acolhimento e compreensão das necessidades deste aluno oriundo de um contexto socioeconômico e cultural híbrido no que tange a geografia e características brasileiras de acesso e/ou inclusão ao ensino superior.

Pode-se dizer que, no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), o processo de relação interpessoal acontece dentro de um ritual que estabelece diferentes trocas sob o signo de uma virtude esperada, que é a dedicação ao aluno. Neste novo cenário, o tutor é o principal protagonista da virtude, em razão do seu contato maior com o aluno, que o aguarda ansioso para entender este novo ambiente ao qual foi submetido, neste caso, cabe principalmente ao tutor a relação afetividade e interatividade com o aluno. Conforme afirma Camargo (2015):

A hospitalidade designa então, o ritual de visitar e receber amigos em casa, confraternizar com conhecidos (e mesmo desconhecidos) nas ruas, nas empresas (ligadas ou não a serviços de hospitalidade propriamente ditos) e mesmo às formas virtuais de contato humano (p.46)

Esta condição homologa a relação entre tutor e aluno no Ambiente Virtual de Aprendizagem no que se refere o ritual por meio das TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação) e o contato com os alunos, sendo o tutor, aquele que interage com seus alunos por diversos canais comunicação de acordo com a metodologia de cada Instituição, os principais e mais comuns utilizados, são fóruns, *e-mails* e *wikis*, em alguns casos *web conferência*.

Neste ritual, o tutor deve acessar sua caixa de e-mail institucional, verificar se há notificação ou orientação da gestão para novas demandas ou alterações no calendário acadêmico no que concerne as atividades proposta aos alunos no decorrer do período letivo. Caso não tenha alterações, este inicia suas atividades pedagógicas e operacionais, pelo fórum fale com o tutor, respondendo de forma afetiva ou pode-se dizer, hospitaleira para que o aluno se sinta acolhido e, mais do que isso, compreendido. Neste aspecto a alteridade do tutor deve imperar no que tange as respostas para os alunos, pois deve-se encorajar o aprendiz a expor suas dúvidas, principalmente no caso do fórum, sendo que este é o canal exclusivo de acesso para contatos assíncrono com seu tutor. Conforme Lashley (2004):

O comportamento genuinamente hospitaleiro requer um motivo adequado. Mas para alguém ser considerado uma pessoa hospitaleira, isso depende não só do seu motivo, mas também de quão frequentemente ocorre o comportamento hospitaleiro (p. 57).

Perante esta citação de Lashley, entende-se que o tutor deve ser hospitaleiro o tempo todo e com todos os alunos e suas imensuráveis dúvidas, das mais simples as mais complexas. De nada adianta ser gentil e acolhedor uma vez e outra atender com brevidade e/ou rispidez, isto significa dizer, que o comportamento hospitaleiro deve prevalecer na relação tutor- aluno.

Destarte no que concernem os tipos de comunicação, inicia-se de modo interpessoal e formal, depois evolui para um contato mais pessoal e informal. Significa dizer que de um lado tem-se um tutor com a virtude moral, dedicado e comprometido em acolher o aluno e conduzi-lo ao aprendizado, mesmo que para isso tenha que fazer uso de uma linguagem sutilmente informal, visando que o aluno de fato se sinta acolhido e isso

possa ajudá-lo em seu desempenho. Já o aluno ao perceber o afeto do tutor para com ele, poderá sentir-se mais próximo e desenvolver uma relação informal, pois percebe, que do outro lado tem alguém hospitaleiro e acolhedor, demonstrando interesse em sua aprendizagem e aprimoramento. Considerando esta relação tutor-aluno, como anfitrião e hóspede, de acordo com Pitt Rivers (2012, p. 514):

Anfitrião e hóspede devem homenagear-se mutuamente. O anfitrião solicita a honra da companhia de seus hóspedes (e isto não é meramente uma fórmula: ele ganha o respeito através do número e da qualidade de seus hóspedes). O hóspede é honrado com o convite. Essa relação é recíproca. Sua mútua obrigação é, em essência, inespecífica, como aquela entre amigos ou consanguíneos. Cada um precisa ceder aos desejos do outro. Mas esta reciprocidade não obscurece a distinção entre os papéis.

Ainda que esta seja uma relação comercial, onde o tutor é pago para atuar com o aluno e contribuir para que este receba seu diploma no final do curso. O fator principal passa a ser a hospitalidade do tutor.

Não obstante, Telfer (1996) contrapõe dizendo que este tipo de hospitalidade não é muito hospitaleiro, pois, ao receber a autêntica hospitalidade o indivíduo sente-se genuinamente querido e bem-vindo”. “Isso não é o mesmo que ser acolhido como um cliente a ser cobrado”. (Telfer, 1996:101).

Todavia no contexto da hospitalidade, Telfer (2004, p.54), relata que a importância e a natureza da hospitalidade variaram muito em diferentes épocas e lugares. Mas essa variação não significa que não haja uma característica de hospitalidade a ser estudada. Logo entende-se que na relação do tutor aluno, ainda que comercial, é passível de acontecer a hospitalidade. Porque o comportamento genuinamente hospitaleiro requer um motivo adequado, e que para alguém ser considerado uma pessoa hospitaleira, isso depende não só do seu motivo, mas também de quão frequentemente ocorre o comportamento hospitaleiro. Neste caso, o motivo passa a ser o tutor motivado e comprometido, que ensina o aluno a aprender o conhecimento oferecido pelo professor responsável da disciplina, pautado no material desenvolvido pelo conteudista. Situação bastante comum na EAD, em razão de que um conteúdo pode ser utilizado ao longo de até cinco anos. O que observa-se, ser inviável para alguns temas relacionados a Estatística, Comercio Exterior, Direito, entre outros. Pois nestas áreas, as alterações ocorrem de um ano para o outro ou até mesmo em menos tempo, porque envolve novas demandas de leis, tratados, dados e o momento econômico dos países.

Para Godbout (1999, p. 203.), a “dádiva não é gratuita ou ela não existe.” Neste mesmo sentido, também está a posição de Telfer (2004, p.63) quando vê a possibilidade da prática da hospitalidade ainda que paga:

[...] Se um hospedeiro comercial atende bem aos seus hóspedes, com um interesse autêntico por sua felicidade, cobrando um preço razoável não extorsivo por aquilo que oferece, suas atividades poderão ser chamadas de hospitaleiras.

Esta forma de se realizar uma gratidão por aquilo que foi oferecido no decorrer do curso dando liberdade para que o hóspede aluno também possa cobrar algo daquele que um dia o ensinou algo útil e valioso. Isto posto, as dimensões da hospitalidade podem estar compreendidas nas esferas: social, privada e comercial, ambas a serem discutidas amplamente mais à frente.

HOSPITALIDADE E TUTORIA

No Ambiente Virtual de Aprendizagem, como interage e quais os papéis do conteudista, professor e tutor?

Estes atuam em momentos distintos, sendo o conteudista aquele que desenvolve o conteúdo com muita antecedência, usualmente, antes do início do semestre letivo. Por se tratar de um trabalho pontual, isto é, uma espécie de *“free lancer”*, ao receber o valor contratado, este abre mão dos direitos autorais por um período de cinco anos para que a instituição possa utilizar em diferentes momentos, geralmente ele não tem acesso ao Ambiente Virtual de Aprendizagem, pois sua tarefa é produzir o material necessário para o sucesso da disciplina, este conteúdo pode ser variável de uma instituição para outra, por exemplo, em alguns casos, consiste em: e-book, Quiz, game, wiki, perguntas de livre escolha, perguntas dissertativas, perguntas para fóruns de discussão, entre outros.

O professor responsável por uma disciplina, utiliza o material desenvolvido pelo conteudista, também com certa antecedência, isto é, antes da disciplina acontecer para preparar as atividades avaliativas estabelecidas pela instituição, que podem variar entre banco de questões, fóruns avaliativos, quizzes, wikis, etc. Sendo que o tutor, poderá contribuir cadastrando este conteúdo avaliativo no banco de questões do AVA . O professor responsável pela disciplina, também utiliza o conteúdo para criar e apresentar as webs conferências de cada disciplina. Sendo necessário, o professor também, auxilia o tutor no que tange algumas dúvidas pedagógicas dos alunos, em alguns casos, ele pode atuar no fórum de dúvidas, item bastante comum nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem(AVA).

Já o tutor, neste sentido, tem triplo papel: ele deve estudar e entender o conceito do conteúdo da disciplina para que possa auxiliar o aluno no decorrer do curso, evitando recorrer ao professor para responder as dúvidas pedagógicas apresentadas pelos alunos. Deve se preocupar com sua performance de atuação com o aluno para que este se sinta acolhido e motivado a prosseguir com seus estudos. Vale lembrar que o tutor, além de atuar no Ambiente Virtual de Aprendizagem como um fiscal da qualidade dos serviços vendidos para os alunos, tem atividades específicas e inerentes a sua função no que concerne: Responder prontamente fóruns de dúvidas - algumas instituições estabelece prazo de até 48 horas para respostas, interagir em fóruns avaliativo, wikis, corrigir atividades avaliativas, ficar atento aos links publicados com materiais complementares, a fim de que estes estejam sempre funcionando na mais perfeita ordem. Nesta relação, o

professor é aquele que produz o conhecimento para transmitir ao aluno, já o tutor, é aquele que contribui na transmissão do conhecimento, ou seja, estuda junto com o aluno e o conduz ao conhecimento e a aprendizagem efetiva, que será parcialmente comprovada nas atividades avaliativas finais. Segundo Iranita Sá (1998:46):

Exige-se mais do tutor de que de cem professores convencionais” pois este necessita ter uma excelente formação acadêmica e pessoal. Na formação acadêmica, pressupõem-se capacidade intelectual e domínio da matéria, destacando-se as técnicas metodológicas e didáticas. [...] Na formação pessoal, deve ser capaz de lidar com o heterogêneo quadro de alunos [...]

ter maturidade emocional, empatia com os alunos, habilidade de mediar questões, liderança, cordialidade e, especialmente, a capacidade de ouvir.

Esta citação, vem ao encontro da realidade de parte significativa dos tutores que atuam no cenário da EAD nas universidades brasileiras.

E o ritual do tutor, como se inicia no seu plantão de trabalho cotidiano? Evidentemente as pessoas são diferentes nos seus hábitos e habilidades, mas de acordo com os manuais estudados, o tutor começa suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem, primeiramente respondendo as dúvidas dos alunos de forma cordial e hospitaleira, em seguida, perpassa pelo menu de avisos e mural de comunicação para postar alguma novidade, quer seja, um lembrete do prazo de uma atividade ou um convite para realizar uma visita a determinado espaço ou link, ali mesmo no ambiente virtual de aprendizagem e conhecer uma novidade daquele assunto, que algum jornal, revista ou site publicou. Ele deve navegar para verificar se os materiais estão em ordem, se algum link não saiu do ar e por último poderá avaliar as atividades proposta aos seus alunos, sendo que o feedback individual é indispensável para o aprendizado e acolhimento do aluno. Pois é nesta troca que ocorre a cena hospitaleira de maior relevância, é aqui que o aluno de fato pode ou não se sentir acolhido e perceber que não está sozinho, pois tem uma pessoa que não só o acompanha virtualmente, mas que também o avalia e o orienta no processo de ensino aprendizagem. Será por meio desta premissa que a hospitalidade como forma de troca humana predominante será o aspecto norteador da relação interpessoal. A barreira entre estes dois mundos deve ser no mínimo reduzida, pois conforme aponta Montandon:

Tudo começa na soleira, limite entre dois mundos, o interior e o exterior, o dentro e o fora, a soleira é a etapa decisiva semelhante a uma iniciação. A hospitalidade é intrusiva, comporta querendo ou não uma face de violência, de ruptura, de transgressão, chamada por Derrida de hostipitalidade. A transição da soleira implica tacitamente para o convidado o aceite das regras do outro (Montandon, 2011, p.32).

Neste contexto que envolve a atuação do tutor na EAD e a hospitalidade, a soleira da citação de Montandon, aqui se traduz no login de acesso ao Ambiente Virtual Aprendizagem, local por onde o aluno e o tutor se relacionam de forma síncrona ou

assíncrona, isto é, por meio web conferência ou mensagens eletrônicas, Chat, e-mails, fórum ou até mesmo por telefone, esta última situação, pode ocorrer em algumas instituições de ensino. É por intermédio destas ferramentas, que acontece as principais e verdadeiras trocas, o tutor acompanha o desempenho de seus alunos e eles por sua vez ou em troca, transmite o feedback positivo ou negativo em relação ao trabalho desenvolvido pelo do tutor, que se esforça para levar os melhores conteúdos e estratégias de estudo, visando a aprendizagem deles, que podem retribuir também com afeto e carinho, recompensando um trabalho de qualidade que o tutor realiza no período letivo que os tutora.

O tutor na história

Entender o significado do tutor é entender que, em educação, duas figuras trabalharam sempre em conjunto: o detentor do conhecimento e o facilitador do aprendizado desse conhecimento. Há muitos casos em que ambas as figuras estão presentes simultaneamente no mesmo indivíduo. Essas são as figuras respectivamente do professor e do tutor.

A palavra tutor tem sua origem na Antiguidade. Na língua latina significa “tutore, guarda defensor, protetor”. Traduzindo este termo para o mundo contemporâneo, têm-se diferentes significados de acordo com a área que está sendo empregada. Em Direito, tutor significa indivíduo que exerce uma tutela aquele que ampara e protege. Para a medicina, conforme o Centro de Desenvolvimento da Educação Médica da Universidade de São Paulo, tutorar significa cuidar, proteger, amparar, defender e assistir, tendo a atividade tutorial, no âmbito da educação, no sentido de acompanhamento próximo, orientação sistemática de grupos de alunos, realizada por pessoas experientes na área de formação da ciência da saúde. Na Administração, tutor é quem ou aquele que supervisiona, dirige, governa, orienta. Para algumas instituições de ensino, tutor é o profissional a quem se delega a instrução dos alunos, sob acompanhamento de um professor responsável, que se pauta no conteúdo desenvolvido por outro professor, sendo que este último, não participa diretamente da cena hospitaleira no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Mas em qual momento da história da humanidade, surge este personagem, o tutor?

Conforme a visão clássica e tradicional, a história da humanidade, divide-se em quatro longos períodos, denominados de Idades, conhecidas e estudadas, como Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

De acordo com Cambi (p. 37), se faz necessário uma viagem no tempo, uma remontagem ao passado, pois, por trás do nosso presente, como infra-estrutura condicionante unitária e dotada de sentido orgânico e permanente no tempo, opera a Modernidade. Por trás da Modernidade, coloca-se a Idade Média, e por trás desta a Idade

Antiga. A história é um organismo, assim, a partir do presente, da Contemporaneidade e suas características e seus problemas, deve-se remontar para trás, bem para trás, até o limiar da civilização e reconstruir o caminho complexo colhendo, ao mesmo tempo, seu processo e seu sentido.

E, é pautada nesta história, que pretende-se pesquisar o início da trajetória do tutor e o seu papel profissional, iniciando pela Idade Antiga (4.000 a.C).

Mas é possível falar da história da educação, sem mencionar a contribuição da civilização grega? Evidentemente os gregos tiveram relevante importância para o tema aqui estudado, conforme Cambi:

Na Grécia Antiga ocorre a laicização, racionalização e a universalização da educação. A cultura grega, ainda que mesclada de elementos oriundos do oriente, adquire um sentido relativo à humanidade, isto é, “nem grega, nem egípcia, nem de outro grupo local, mas do próprio homem em geral, como sujeito do “gênero humano”. (Cambi, 1999, p. 72)

A Grécia Antiga é considerada a base da cultura da civilização ocidental. A cultura grega exerceu relevante influência sobre os romanos, que se encarregaram de repassá-la a diversas partes da Europa. A civilização grega antiga teve influência em diferentes aspectos da vida das pessoas, quer seja: linguagem, política, sistema educacional, filosofia, ciência, tecnologia, arte e arquitetura moderna, especialmente no decorrer da renascença Europa ocidental.

Os conceitos de cidadania e democracia são gregos, o que segundo a história justifica sua influência ao longo dos séculos, seus historiadores e escritores políticos, cujos trabalhos sobreviveram ao tempo eram, em sua maioria, atenienses ou pró-atenienses.

Os gregos tinham conflitos e diferenças entre si, mas também muitos elementos culturais em comum. Eles falavam a mesma língua, apesar dos diferentes dialetos e sotaques; tinham uma religião comum, que se manifestava na crença dos mesmos deuses. Em razão disso, reconheciam-se como *helenos* (gregos) e chamavam de *bárbaros* os estrangeiros que não falavam sua língua e não tinham seus costumes, ou seja, os povos que não pertenciam ao mundo grego (Hélade). Conforme Jaeger:

O conceito que originariamente designava apenas o processo da educação como tal, estendeu ao aspecto objetivo e de conteúdo a esfera do seu significado, exatamente como a palavra alemã *Bildung* (formação) ou a equivalente latina *cultura*, do processo da formação passaram a designar o ser formado e o próprio conteúdo da cultura, e por fim abarcaram, na totalidade, o mundo da cultura espiritual: o mundo em que nasce o homem individual, pelo simples fato de pertencer ao seu povo ou a um círculo social determinado. A construção histórica deste mundo atinge o seu apogeu no momento em que se chega à ideia consciente da educação. Torna-se assim claro e natural o fato de os Gregos, a partir do século IV, quando este conceito encontrou a sua cristalização definitiva, terem dado o nome de *Paidéia* a todas as formas e criações espirituais e ao tesouro completo da sua tradição (Jaeger, 1986, p.245, 246).

A *Paidéia* (παιδεία), derivada de paidos (pedós) - criança), significa "criação de meninos", os ideais educativos da Paidéia se baseiam em práticas muito antigas. Os gregos foram os primeiros a colocar a educação como problema; consta na literatura grega sinais de questionamento referente ao conceito da poesia, tragédia e da comédia. Com os sofistas surgiu também o “ternário pedagógico” de vocação, instrução e exercício, os quais tiveram grande relevância para se constituir as bases intelectuais. A sua instrução formal, abrangendo o estudo da gramática, da retórica, da dialética e a transmissão do conhecimento enciclopédico, completa o *trivium*, que na Idade Média, significa a primeira parte do ensino universitário, formada por três disciplinas (gramática latina, lógica e retórica) ministradas antes do *quadrivium* e que, com este último, constituía as sete artes ou as artes liberais. De acordo com Cambi:

Esparta e Atenas deram vida a dois ideais de educação: um baseado no conformismo e no estatismo, outro na concepção de *Paidéia*, de formação humana livre e nutrida de experiências diversas, sociais, mas também culturais e antropológicas. Os dois ideais, depois, alimentaram durante séculos o debate pedagógico, sublinhando a riqueza e fecundidade ora de um, ora de outro modelo”. (Cambi, 1999, p. 82)

Em Atenas, por exemplo, o serviço era feito mediante uma cobrança e para cada tipo de conhecimento, era designado um tutor ou professor. Lá as mulheres mesmo sendo educadas para as tarefas de mãe e esposa, na educação elas eram tratadas de forma diferente. Os meninos, *aos sete anos de idade*, já começavam as suas aprendizagens na escola e nas suas próprias casas. O Pedagogo, uma espécie de escravo especial era escolhido para os orientar. As principais obras dos antigos poetas, como Homero e Hesíodo, eram obrigatoriamente decoradas nas suas aprendizagens, habitualmente acompanhadas de música. Pois até mesmo nas classes menos favorecidas da sociedade ateniense encontravam-se homens alfabetizados. Eles eram instruídos para cuidarem não só da mente como também do corpo, o que lhes dava vantagem competitiva na hora da guerra, pois eram tão bons guerreiros quanto eram estrategistas. Ainda de acordo com Cambi:

É na realidade histórica grega, na antiga Atenas, que nasce a figura do pedagogo: *Paidagogos*: o escravo que controlava e guiava o jovem aprendiz. Assim, surge a Pedagogia enquanto um “saber autônomo, sistemático, rigoroso; nasce o pensamento da educação como *episteme*, e não como *éthos* e como *práxis* apenas.” A educação se torna *techne* da formação humana pela linguagem. (Cambi, 1999, p. 87)

No caso dos espartanos, a educação começava aos sete anos de idade, cada criança era mantida por um tutor que desempenhava a função por vínculo de amizade e sem receber nada em troca.

Na Roma Antiga, o papel de educar foi desempenhado pelos retores, que circulavam pelas cidades ensinando o que sabiam em troca de alguma compensação financeira.

A Idade Média se estendeu do século V ao século XV, compreende dois períodos, denominados de Alta e a Baixa Idade Média, respectivamente. A Alta Idade Média foi marcada pela queda do Império Romano do Ocidente, em 476, até o enfraquecimento do feudalismo no início do século XI.

No período medieval, o mundo do conhecimento passou a ter controle das instituições religiosas cristãs. Inicialmente, o conhecimento ali presente ficava restrito somente aos próprios membros e aspirantes da Igreja.

Na Baixa Idade Média, o destaque foi a instituição escolar que se desenvolveu a partir do século XII, denominada Escolástica, que consistia no método pelo qual se pretendia descobrir a verdade por meio da dialética. Esta forma de ensino se desenvolveu nos Monastérios e nas escolas das catedrais, principais centros de estudo e depositário da produção intelectual, até a criação das primeiras universidades, ainda muito ligadas à Igreja durante todo século XII. Nestes centros de saber, diversos autores da Antiguidade Clássica, eram muito valorizados, tais como: como Aristóteles e Platão, os quais se dedicaram Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho, os principais teólogos do período medieval. Já o modelo de escola conhecido no mundo contemporâneo, está relacionado ao lúdico no pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval, pois para ele “o brincar é necessário para (levar uma) a vida humana”.

A informalidade das relações entre educador e educando na Idade Média enfrenta mudanças no advento da Era Moderna, para tanto tendo contribuído aquele que pode ser considerado o primeiro Plano Político Pedagógico de educação da história, um documento denominado *Ratio Studiorum*. Se na Paidéia, os preceitos eram mais filosóficos, neste documento se desce ao nível das rotinas cotidianas. Os jesuítas, autores do documento, tinham na educação uma de suas maiores preocupações e, para tanto, levaram a prática pedagógica a um nível de organização até então desconhecido. Para Franca:

Todo código de educação espelha necessariamente a fisionomia da época em que nasceu. Educar não é formar um homem abstrato intemporal, é preparar o homem concreto para viver no cenário deste mundo (Franca, 1952, p.75).

Os professores eram conhecedores da língua grega e do latim, deviam ser especialistas na disciplina estudada, o que significa a primeira mudança do papel do educador: mais do que ensinar a estudar eles deviam ensinar um conteúdo específico, pois eles tinham a responsabilidade de desenvolver um trabalho junto aos seus alunos de equilíbrio entre as ciências e as virtudes cristãs. A contribuição do professor para a formação dos alunos não era restrita a ministrar conhecimentos teóricos programáticos, mas também, ensinar com seu exemplo valores como a paciência, a caridade e a piedade. Naquela época já se evidenciava a importância do professor no processo educativo, os jesuítas demonstravam preocupação com sua formação, este aparecia como figura em destaque na execução da metodologia proposta pelo *Ratio Studiorum*.

Este tinha uma estrutura muito organizada para a época, não era apenas um conjunto de regras, mas sim, resultado de um trabalho que originou a proposta pedagógica, alcançada após inúmeras experiências, que culminou em regras concisas e consistentes que deram ao documento êxito e credibilidade incontestável por todos os lugares em que foi colocado em prática.

A organização curricular do *Ratio Studiorum*, era ousada para época, caracterizava-se como um manual prático, cujo objetivo era auxiliar o trabalho do professor. Contemplava 467 regras, abrangendo todas as atividades das pessoas envolvidas no ensino.

Pretendendo obter sucesso no ensino, os padres dispunham de uma série de estímulos pedagógicos, entre eles a preleção, a lição de cor (decorada), o estímulo à competição, por fim, uma série de iniciativas para motivar os alunos.

Não se encontram muitas referências sobre o assunto, mas pode-se considerar, ao menos como hipótese, que o ensino jesuíta tenha sido o responsável pela criação da figura moderna do professor. Diferentemente do tutor, que ensina a estudar e aprender, surge o professor que ensina, que tem uma sabedoria concentrada no tema que lhe cabe dentro da escola. É o professor especialista.

Este professor especialista passou a ser a figura dominante mesmo em sistemas pedagógicos contemporâneos, quando a pedagogia se torna ciência. Surgem os renomados pedagogos: John Lock (1632 - 1704), com o método moderno, Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778), Johann Henrich Pestalozzi (1746 - 1827), Jean Piaget (1896-1980), Célestin Freinet (1896-1966), Anton Semenovitch Makarenko (1888-1939).

No século XX surgiram diversos movimentos, experiências e teorias educacionais destinadas a renovar os métodos da escola herdada dos jesuítas, agora chamada de tradicional.

Nas novas teorias educacionais destaca-se a "escola nova", que abarcou várias correntes pedagógicas. Reagindo contra a organização tradicional do ensino, Alexander S. Neill criou a *Summerhill School*, ícone atual das pedagogias alternativas, abolindo a hierarquia professor-aluno e, portanto, a relação de autoridade na experiência pedagógica, encaminhando a criança à auto-educação, de acordo com seu ritmo individual de desenvolvimento. Mesmo no Brasil, os movimentos procuraram marcar posição diante do que se consideravam equívocos da escola tradicional: a Escola Moderna, trazida pelos anarquistas espanhóis ao Brasil no início do século XX e os Ginásios Vocacionais liderados por Maria Nilde Mascellani. Nesta última experiência, a figura do tutor volta com toda a força. Ao invés dos professores especialistas, a escola guiava-se por tutores que orientavam as pesquisas cotidianas dos alunos.

Infelizmente, como ocorre em experiências muito inovadoras, boa parte de seus conteúdos se perdem no caminho e o tutor do Ginásio Vocacional não teve força para impor-se diante do professor tradicional. É apenas na EAD que esta figura volta, para ficar.

Na verdade, o tutor é figura central na EAD, embora seu status (e, em consequência, sua remuneração) seja inferior ao dos professores tradicionais.

Aqui se entende que se o professor leva conhecimento o tutor por sua vez, conduz o aluno para este conhecimento de forma mais didática e hospitaleira, e por ser ele, o tutor, aquele que tem maior contato com este aluno, passa a se destacar cada vez mais neste novo cenário, ele o tutor passa a ser estratégico. Principalmente na EAD, quando os números se avolumam ano após ano, conforme o censo ead ABED (Associação Brasileira de Ensino a Distância). Necessitando gradativamente de profissionais hospitaleiros nesta modalidade, visando acolhimento e consequente redução na evasão deste aluno, produto do capitalismo do XXI, sendo que o aluno é um produto concorrido entre as instituições de ensino, independente do nicho econômico que esta ocupe neste cenário.

Considerações pontuais

Com o crescimento da Educação a Distância (EaD), ressurgiu uma nova e importante figura na categoria docente: o tutor. Esse profissional, de extrema importância para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, merece especial atenção no papel desenvolvido. É ele, o tutor, o principal anfitrião na cena hospitaleira no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Pois trata-se de quem tem maior contato com o aluno, com isso, pode interagir com o aluno, pelas diversas ferramentas que tem a sua disposição. Desta forma, ganha cada vez mais destaque neste novo cenário, passando desempenhar um papel estratégico.

Para selar a relevância deste anfitrião na EAD, os dados publicados pelo INEP (2012), aponta que nos últimos dez anos, o número de matriculados nos cursos de graduação a distância passou de 5 mil para 30 mil. Tal crescimento é facilmente justificado frente às vantagens que a modalidade proporciona, como a escolha das aulas de acordo com a disponibilidade do aluno, além da economia, já que os cursos a distância apresentam valores mais acessíveis. Ter a chance de estudar sem sair de casa ou do trabalho está ajudando a qualificar milhares de brasileiros nas mais diversas regiões. Poder conciliar ensino de alta qualidade com todas essas facilidades vem fazendo com que a educação a distância se torne, cada vez mais, a chave para o acesso ao ensino superior no país.

A relevante contribuição deste profissional ao longo da história da humanidade, a contar da Antiguidade aos dias atuais, o tutor, sempre esteve presente no processo de ensino aprendizagem, ele é o responsável por ensinar o aluno a aprender o conhecimento advindo da figura do professor tradicional. Embora, sua condição de status seja considerada inferior em relação ao professor tradicional no cenário atual da educação a distância. Percebeu-se que a trajetória deste personagem da EAD, é pouco explorada na literatura pesquisada até o presente momento.

Pensar as instituições no momento atual, considerando o espaço e importância

concedido, a tutoria constitui um desafio, de onde decorrem aspectos positivos e também negativos. Cabe um olhar mais valorativo para este novo profissional, que detém a cena hospitaleira de forma significativa perante seu principal produto, o aluno.

Contudo, este artigo não tem a pretensão de esgotar o tema, mas sim, dá continuidade à exploração dessa discussão, considerada relevante para o processo de ensino aprendizagem no cenário da EAD.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos, capítulos e livros

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima (2004). **Hospitalidade**. Coleção ABC da hospitalidade. São Paulo. Aleph.

_____ (2015) Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, p. 42-69.

CAMBI, Franco (1999). **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp.

FRANCA, Leonel (1952). **O método pedagógico dos jesuítas. "O Ratio Studiorum". introdução e tradução**. Rio de Janeiro: Agir.

GODBOUT, J.; CAILLÉ, A. (1999) Introdução: a dádiva existe (ainda)? In: **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, p. 11-29.

GONZALEZ, Mathias. **Fundamentos da Tutoria em Ensino a Distância**. São Paulo, editora AVERCAMP, 2005.

LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.

MACELLANI, M. N. (1999). **Uma pedagogia para o trabalhador: o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados (Programa Integrar CNM/CUT)**(Doctoral dissertation).

MONTANDON, Alain.(2011). Espelhos da hospitalidade. In: **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 31-38.

PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima (2014). **Da tolerância à hospitalidade na democracia por vir. Um ensaio a partir do pensamento de Jacques Derrida**. 2014.

PITT-RIVERS, Julian. The law of hospitality. **HAU: Journal of Ethnographic Theory** 2012, 2 (1): 501–517 (artigo originalmente publicado em 1977)

SOUZA, R. **O professor ao longo do tempo**. [s/d]. Disponível em:

<<http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-professor-ao-longo-do-tempo.htm>>.

Acesso em: 19 nov. 2015

TELFER, Elisabeth (2004). In LASHLEY, Conrad e MORRISON, Alison. **Em Busca da Hospitalidade: Perspectivas para um mundo Globalizado**. São Paulo: Manole.

Sites da Internet consultados:

http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf. Acesso em: 13 de nov. 2015.

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer fontes/acer histedu/brcol012.htm> Acesso em: 05 de dez. 2015.

<http://apedroacademico.blogspot.com.br/2012/04/educacao-na-idade-moderna.html> - acesso em 18.05.2016 <http://www.estudantedefilosofia.com.br/conceitos/educacaocontemporanea.php>
acesso em 18.05.2016 <http://seguidopassoshistoria.blogspot.com.br/2010/03/era-de-alexandre.html> acesso em 29.05.2016